

## **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A AULA DE ARTE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM UNIVERSITÁRIOS DE PEDAGOGIA**

Massillania Gomes Medeiros<sup>1</sup> - PPGLI/UEPB  
(massillania@gmail.com)

### **1. Introdução.**

Este trabalho tem por pretensão apresentar, numa perspectiva crítica, o relato de uma experiência na ministração da disciplina Arte e Educação, a uma das turmas do curso de Pedagogia em Regime Especial da UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú, na unidade de Campina Grande, no ano de 2010.

### **2. A disciplina.**

A disciplina Arte e Educação, em geral, é ministrada na UVA com carga horária de 60 horas (seis sábados, de 7h às 17h), e tem por finalidade apresentar aos alunos as linguagens da arte, formando-os e conscientizando-os quanto à necessidade de conhecê-las e aplicá-las em sala de aula, no desenvolvimento de habilidades humanas como a percepção, a reflexão, a sensibilidade, a imaginação, a intuição, a curiosidade, a expressão e a comunicação.

A disciplina busca apresentar aos alunos uma visão da teoria e da prática em arte nas escolas, preparando-os para se depararem com situações onde terão que lidar com artes visuais (artes plásticas, cinema e televisão), além de dança, música e teatro, segundo as determinações dos PCNs, desenvolvendo potencialidades e produzindo atividades que estimulem a descoberta de talentos.

### **3. Histórico da arte e sua vocação para a sala de aula.**

Segundo Barbosa (1990:170), há pelo menos 25 anos, a disciplina “Artes” vem se tornando, no Brasil, matéria obrigatória em escolas de primeiro e segundo graus.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura e Interculturalidade pela UEPB, professora das Faculdades Unesc e Cesrei, além da UVA, em Campina Grande.

O caminho tem sido longo e árduo, mas, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, houve o desencadeamento da assinatura de diversos acordos (dentre eles o MEC-USAID), que reformularam, de certa forma, a educação em nosso país, colocando em prática aquilo que não era previsto na Lei Federal n. 5692/71, denominada "Diretrizes e Bases da Educação".

De acordo com o que nos informa a autora supracitada, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na época de sua entrada em vigor (meados dos anos 1970), estabelecia um projeto e uma perspectiva de educação orientada para uma formação tecnológica dos indivíduos, no intuito de profissionalizá-los já a partir da escola secundária.

A atitude do Estado, ao promulgar uma lei com essas diretrizes, segundo nos relata a autora já citada, tinha o objetivo de constituir a mão de obra barata, que seria utilizada pelas empresas multinacionais, que estavam a instalar, em nosso país, seu poderio econômico desde a época da ditadura militar.

E, num currículo que tinha por objetivo a formação profissionalizante, as disciplinas relacionadas com o trabalho criativo, com a formação filosófica e com o conhecimento histórico dos indivíduos foram abolidas, visto que não atendiam à perspectiva do Estado naquele momento.

No mesmo sentido, não se observava no Brasil, naquele período, a existência de cursos de formação universitária de professores de arte-educação, mas apenas cursos de desenho geométrico.

Tal situação impulsionou a composição do movimento que ficou conhecido como Movimento Escolinhas de Arte, que tinha como proposta a de desenvolver a auto-expressão de crianças e adolescentes, através do ensino das artes, em escolas particulares.

Após esse período, por volta de 1980, começou-se a observar a necessidade da implantação de disciplinas relacionadas à área humanística, e a arte tornou-se peça chave desse modelo, tanto que, por iniciativa do Estado, foram criados cursos universitários com a intenção de formar professores para atuarem nas salas de aula do ensino secundário.

Mas, segundo a autora citada, ainda havia muito a ser modificado, pois, inicialmente, acreditava-se que dois anos seriam insuficientes para proporcionar aos futuros professores uma formação completa para lecionarem em escolas primárias e secundárias. Mais tarde,

observar-se-ia a necessidade de permanência do futuro professor nos cursos superiores por pelo menos quatro anos.

Com o avanço de estudos relacionados à prática da arte nas salas de aula, e a sua introdução numa perspectiva de interculturalidade nas escolas de nosso país, o ensino da arte passou de uma metodologia de cunho tradicional (com ascensão nos fins do século XIX), a uma de livre expressão (nascida por volta dos anos 1960, sob a influência do movimento da Escola Nova), até chegar à tendência atual, sociointeracionista, onde se considera a relação existente entre cultura, conhecimento do aluno e produções artísticas, cujo foco é favorecer o ensino das artes por meio de quatro linguagens importantes: dança, artes visuais, música e teatro.

Com a perspectiva da abordagem da interculturalidade nas escolas brasileiras, segundo Barbosa (1991: 2), tem-se observado a necessidade da arte para todos, por mais desumanas que tenham sido as condições que a vida tenha imposto.

Atualmente, o ensino/aprendizagem da Arte é obrigatório pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação na escola fundamental e no ensino médio. Contudo, algumas escolas deixam de aplicar a Lei em razão das brechas interpretativas que ela deixou, haja vista alguns não a entenderem como enfática neste sentido.

Na verdade, acreditamos que muitas escolas simplesmente deixam de aplicar a lei, em razão de não compreenderem a importância da formação estética para a construção do caráter humano do aluno. Tais escolas parecem não perceber a capacidade de expansão de uma percepção crítica em relação à realidade, cujas possibilidades mais prementes de construção se dão por meio da expressão artística, de seu contato e exploração do prazer que dela advém.

Por outro lado, segundo Barbosa (idem), um olhar sobre a arte como definidora da condição pós-moderna contemporânea somente pode se dar de forma abrangente com a ação inteligente e empática do professor em relação ao conteúdo artístico, para favorecer o crescimento individual e o comportamento do aluno-cidadão como fruitor de cultura e conhecedor da construção de sua identidade.

## **Contextualização dos alunos no universo das artes.**

No intuito de proporcionar aos nossos alunos uma experiência crítico-sensível com a arte e, ao mesmo tempo, apresentar-lhes uma introdução sobre os conhecimentos necessários para a sua formação como arte-educadores, tendo em vista o contexto da ministração da disciplina, elaboramos, inicialmente, num primeiro encontro, aulas expositivas, regadas a momentos de análise e discussão, com o intuito de contextualizar os alunos no universo das artes.

Com uma abordagem relacionada com a metodologia sociointeracionista, apresentamos aos alunos, inicialmente, um texto teórico, de autoria de Santomauro (2010), a partir do qual se discutiu, além do histórico da arte relacionado à sua abordagem metodológica em sala de aula (metodologias tradicional, livre-expressão e sociointeracionista), o histórico das artes relacionado às produções artísticas, desde a época pré-histórica, passando pela mesopotâmia, egípcios, gregos, romanos, medievais, modernos até os contemporâneos.

Para a realização de uma experiência mais concreta, o auxílio do Data-Show foi essencial, tendo em vista a necessidade de se observar, imgeticamente e de forma concreta, as obras produzidas, muitas das quais a maioria de nós somente terá acesso se visitar museus de arte em cidades fora do nosso país.

Um traçado histórico da arte no Brasil também foi realizado, apresentando-se imagens de obras de pintores brasileiros famosos, imagens de objetos de cerâmica (produzidos pelos nossos índios), imagens relacionadas à dança, ao teatro, indagando-se a percepção dos alunos sobre os efeitos estéticos causados, ou mesmo sobre a percepção inicial que lhes surgia à mente: se era bom ou ruim de se observar; que sentimentos eram despertados; se a organização estrutural, os traços e cores despertavam algumas emoções.

De um modo geral, pudemos observar que alguns alunos se esforçavam para encontrar sentido no histórico das obras apresentadas. Porém, uma acentuada dificuldade se mostrou em entender as obras de arte pós-modernas de Fayga Ostrower ou de Tomie Ohtake, já que elas tratam de temas que se referem à crise cultural e identitária ocidental, voltando-se para temáticas que dizem respeito à arte em si, em seu processo de construção.

## **Experimentação concreta – a arte em seus diversos contextos.**

A seguir, num segundo encontro, nos deslocamos da sala de aula para alguns museus, a fim de vivenciar a arte em seus diversos locais de apresentação.

Inicialmente, dirigimo-nos ao MAAC (Museu de Artes Assis Chateaubriand), onde apreciamos uma exposição de arte Naïf. Este momento se tornou singular em nossa experiência, pois uma de nossas alunas, Renilda Lopes, que até então nada havia falado sobre isso, era artista plástica e já havia realizado várias exposições de seus quadros, inclusive no exterior do país, onde classificaram o seu estilo como Naïf.

Em relato de sua experiência artística, vários alunos se emocionaram, principalmente quando ela narrou momentos de construção de seus quadros e de sua inspiração para a produção.

Após o passeio pelo MAAC, seguimos para a Catedral de Campina Grande, onde pudemos apreciar diversas formas de arte religiosa, desde pintura a escultura. A próxima visita foi ao Museu Histórico de Campina Grande, onde se puderam encontrar diversos exemplares de objetos históricos, representativos da cultura e da arte de tempos importantes de nossa história.

A visita aos museus, de uma forma ampla, apresentou aos alunos aquilo que eles imaginavam ser distante e não estar tão próximo de seu cotidiano. Ademais, sabe-se que muitos estudantes, e até mesmo professores, desconhecem a existência de museus em suas cidades. Em nossa região isso também acontece.

E, acreditamos, a ida aos museus (tanto o histórico quanto o de artes), bem como à igreja, fez com que os nossos alunos percebessem que a arte e os objetos artísticos convivem conosco em nosso cotidiano, bastando apenas que despertemos para acessá-los de forma mais constante.

A última visita do dia deu-se à Pedra do Ingá, localizada no município do Ingá, onde observamos inscrições rupestres, datadas de milhões de anos.

A Pedra do Ingá, antes de mais nada, possui uma característica peculiar, que a diferencia dos demais lugares visitados. Lá, pudemos observar, além da arte misteriosa que envolve a produção das inscrições realizadas em um tipo de pedra estranha, um pouco da história humana e da história terrestre.

Acompanhados de um guia, os alunos fizeram inúmeras perguntas e soltaram a imaginação, além de terem a oportunidade de um contato extremo com a natureza em volta.

De volta à sala de aula, todas as experiências vividas no dia foram retomadas e exploradas no sentido de encontrarmos sua aplicabilidade em sala de aula, com o público-alvo do ensino infantil, fundamental e na educação de jovens e adultos.

### **Experimentação concreta - a arte em seu fazer.**

Em um terceiro encontro, cuidamos de explorar as habilidades dos alunos para o teatro, preparando-os para a apresentação de peças como *As Velhas*, de Lourdes Ramalho, *O macaco malandro*, de Tatiana Belinky, *Eu chovo, tu choves, ele chove*, e *Zé Vagão da Roda Fina* e sua Mãe Leopoldina, ambas de Silvia Orthof.

Como embasamento teórico, utilizamos o livro *A história do teatro*, de Maria Clara Machado. E, neste momento, acreditamos que os alunos experimentaram o fazer teatral de forma prazerosa e criativa, haja vista haverem apresentado as peças de forma profissional, isto já num quarto encontro.

O encerramento da disciplina deu-se com a discussão acerca da relação entre a teoria e a prática em arte nas escolas brasileiras, tendo em vista o que foi experimentado durante a disciplina.

### **4. Considerações finais.**

Acreditamos que a experiência de experimentar a arte em seu fazer é capaz de despertar nos alunos uma consciência crítica para a importância de se trabalhar essa linguagem na sala de aula, principalmente com crianças da educação infantil e do ensino fundamental, além de jovens e adultos, que se constituem no público-alvo dos professores com formação em pedagogia.

Neste sentido, acreditamos ter contribuído para a formação de uma cidadania cultural, tanto para os futuros professores, quanto para os alunos, com os quais estes mesmos futuros professores se depararão em situações de sala de aula.

Historicamente, a disciplina arte e educação busca a Interculturalidade. E, segundo Barbosa (1991:10), esta mesma interculturalidade relaciona-se com a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade, significando interação entre as diferentes culturas.

A nosso ver, essa deveria ser a pretensão norteadora da arte-educação interessada no desenvolvimento cultural. Contudo, para alcançar tal objetivo, é necessário que o Estado, enquanto instituição fomentadora da Escola, forneça meios de conhecimento sobre a cultura, locais adequados para o seu desenvolvimento, e formação adequada para os professores a fim de que a nossa sociedade possa crescer mais justa e sensível na construção de uma percepção crítica sobre mundo a partir da arte.

## **5. Bibliografia.**

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. São Paulo: Revista de Estudos Avançados, 1998.

\_\_\_\_\_. Anais do V Congresso Nacional de Arte-Educação: uma escola para todos. 1991.

BELINKY, Tatiana. O macaco Malandro. Literatura em minha casa. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

ORTHOF, Silvia. Eu chovo, tu choves, ele chove. Literatura em minha casa. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. Zé Vagão da Roda Fina e sua Mãe Leopoldina. Literatura em minha casa. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

SANTOMAURO, Beatriz. Revista Nova Escola. Série Especial n.23: O que e como ensinar. Conhecer a cultura. Soltar a imaginação.